

O muro do jardim

Barney

O presidente José Sarney estava muito emocionado na TV. Chegou a comover quando se considerou injustiçado pelos que se aproveitaram do êxito ilusório do Plano Cruzado, mas estão abandonando-o no insucesso. Foi duro para com os que estão pulando do barco na hora da tempestade. Apesar dessa franqueza, não convenceu. Cansou ao falar muito na primeira pessoa, como se fosse todo o Governo, um defeito não condizente com sua personalidade anterior e que o está prejudicando muito, revelando que, infelizmente, acreditou nos que o diziam mais popular que os deuses.

A repercussão, sem dúvida, foi lamentável. Os políticos o acharam repetitivo, pouco substantivo para a cúpula do PFL, e o povo ficou com raiva. E que mesmo com todos os cuidados — evitou a concorrência dos programas humorísticos e do aniversário do presidente do PMDB, Dr. Ulysses Guimarães — foi à TV no mesmo dia em que o Governo — presume-se que tenha sabido e autorizado — anunciou o aumento da gasolina e do álcool, o segundo em menos de um mês e em níveis superiores aos do reajuste salarial.

Já estivesse o PFL na Oposição, como parece ser o seu destino, seria admirável a resposta dada ao Presidente da República que, minutos antes, disse, comovido, que "o povo precisa ter certeza de um futuro melhor". Como, porém, o ministro das Mi-

nas e Energia, Aureliano Chaves, é seu amigo pessoal, verifica-se que houve uma infeliz coincidência para o Presidente, não evitada por uma assessoria desatenta.

Contradições como essa esvaziaram o discurso na TV, mais uma elegia do que um poema, mais o pranto de quem se despede do que a proclamação de quem assume. Não podia afirmar que os salários não podem ser achatados se todos sabem que a perda em seu Governo atingiu acerca de cinqüenta por cento e que nunca o salário mínimo esteve em níveis tão baixos desde que foi instituído por Getúlio Vargas. Erros assim foram constantes.

O Presidente é um homem sincero e o momento exige que a verdade seja dita à Nação. Queixas contra os políticos, uma constante nos últimos tempos, não o ajudarão a resolver a crise econômica e social. Entre os erros da Aliança Democrática não está o de haver faltado com o apoio político no Congresso Nacional ao Presidente da República, que nunca teve um projeto seu rejeitado.

O que falta ao Governo é decisão. Em vez de anunciar a intenção de punir os corruptos, o Presidente deveria ter lido os nomes dos responsáveis pela importação de alimentos estragados, que estão na cadeia. Não o fez, não podia fazê-lo. A distância entre a realidade e o discurso é que está destruindo seu Governo.